



NATUREZA E CULTURA: REPRESENTAÇÕES NATURAIS EM MARCOVALDO OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE

Robson Victor da Silva Araújo¹

Resumo: O assunto mais frequente nas conversas telefônicas é a meteorologia. Hoje, os programas de televisão mais assistidos são os de previsão do tempo. Isto pode parecer insignificante porém essa sensibilidade à meteorologia vem ganhando espaço como campo de estudo entre a natureza e a cultura num âmbito maior chamado de História da Natureza. O objetivo desse artigo consiste em realizar uma reflexão sobre as representações da natureza na obra Marcovaldo ou As Estações na Cidade do escritor italiano Ítalo Calvino visando compreender as relações de força que existe entre a cultura e a natureza para entender o homem a partir das relações que ele traça com o seu ambiente.

Palavras - Chaves: Cultura – Natureza – História - Literatura.

O assunto mais frequente nas conversas telefônicas é a meteorologia. Hoje, os programas de televisão mais assistidos são os de previsão do tempo. Isto pode parecer insignificante, porém essa sensibilidade à meteorologia vem ganhando espaço como campo de estudo entre a natureza e a cultura num âmbito maior chamado de História da Natureza.

Uma expressão como: “*Oh está frio hoje*”, quer dizer que vamos nos falar, mas que isso não tem nenhum interesse; e essa forma de expressar-nos consiste numa maneira comum de evitar as discussões políticas. No entender do historiador francês Alain Corbin quando se coloca a discussão sobre o terreno do tempo embora a canícula seja política é uma maneira de dizer: “*não vamos abordar os assuntos que aborrecem*”. O objetivo desse artigo consiste em realizar uma reflexão sobre as representações da natureza na obra Marcovaldo ou As Estações na Cidade do escritor italiano Ítalo Calvino visando compreender as relações de força que existe entre a cultura e a natureza.

O livro Marcovaldo ou as estações na cidade, de Ítalo Calvino, é composta por vinte pequenas narrativas que narram com a figura do proletário Marcovaldo como protagonista: homem simples, ingênuo, em fiel busca por um refúgio em meio à natureza – ou o que

¹ ARAÚJO, Robson Victor da Silva. Robson_univ@hotmail.com. Licenciado em História pela UFCG, com a monografia *Uma Cultura Popular Ordinária e Intelectual: Construções do Medieval a partir de um Escritor da Renascença*. Mestre no PPGH da UFCG, com o projeto *História, Cultura e Poder: heranças ibero-medievais no sertão encantado d’ a pedra do reino*. Integrante do grupo de *Estudos Culturais*, CNPq-Plataforma Lattes.

restou dela, já que os ambientes naturais descobertos pelo trabalhador ao longo da obra passaram intervenções e cercamentos impostos pelas novas imperativas urbanísticas (e humanas), sucedidas da falsa ideia de progresso do século XIX. Ambientados em um espaço não nomeado, mas basicamente urbano, os vinte pequenos enredos podem ser lidos separadamente, mas estabelecem entre si outra correlação para além do protagonismo de Marcovaldo: todas as narrações são responsáveis por guiar as (des)venturas do trabalhador a partir das estações do ano e de todas as (im)possibilidades despertadas por elas.

Incumbido do sustento de seis filhos e de sua esposa Domitilla, Marcovaldo experimenta uma realidade muito distante da aprazível. Dividindo com a família o ínfimo espaço de somente um cômodo, o proletário sente-se sozinho mesmo ao redor de seus semelhantes, desconcertado, face a uma existência agressiva, excludente, que o iguala somente a outro alguém “falsamente vivaz, cansado e escravo” (CALVINO, 2015, p.13), realidade de tantos outros a partir da terceira fase da modernidade. Em compensação, apesar de “todas as agressões do dia” (CALVINO, 2015, p.12), Marcovaldo põe-se a percorrer a cidade durante seu tempo livre ou no caminho que permeia a casa e o trabalho por uma ótica ingênua, otimista e, acima de tudo, resiliente, que compõe a aura de uma pessoa simples e extremamente desgastada pelas poucas possibilidades que encontra na vida moderna. Assim sendo, o anseio pelo contato com a natureza torna-se uma forma de escapar de todas essas efervescências advindas das novas exigências de mercado e de suas falsas promessas; é no cerne do natural que a individualidade de Marcovaldo se completa e se legitima.

Antes de prosseguirmos, cabem aqui algumas observações a respeito da obra. A primeira observação, diz respeito aos anos em que as narrativas do livro foram produzidas, entre 1952 e 1963, Ítalo Calvino escreveu uma série de contos que foram reunidos e publicados ao longo de uma década em que a Itália transitava de uma situação econômica extremamente difícil advinda desde o imediato pós-guerra, para uma visível recuperação econômica, com uma acelerada expansão da economia de mercado e do consumo de massa, os contos, à medida que vão sendo escritos, se referem às profundas mudanças espaciais que vão ocorrendo na cidade, nunca nomeada, onde mora a personagem central.

Segunda observação, o personagem principal destes contos, Marcovaldo, e todos os que aparecem ao longo das vinte histórias que compõem o livro, contrastam com os tradicionais personagens da literatura de Calvino². Ao invés de cavaleiros inexistentes, de barões empoleirados, de cidades invisíveis, temos um simples operário, que trabalha numa firma, da qual sabemos apenas sua sigla: SVAB. Nunca ficamos sabendo a que atividade

² Para isso conferir as demais obras de Ítalo Calvino: O Cavaleiro Inexistente, As Cidades Invisíveis, O Visconde Partido ao meio, O Barão nas Árvores, Se um Viajante numa noite de inverno.

este de dedica. Sabemos apenas que Marcovaldo é aí encarregado de carregar caixas e que pode ser convocado para as mais insólitas tarefas.

Mas porque tomar este livro como preâmbulo para se discutir as especificidades do trabalho que vem realizando um campo novo em História cuja área de concentração trata das relações entre História e Ambiente? Que interesse pode ter para quem pretende se tornar um historiador ambiental, que pretende entender como se produzem e se constroem historicamente as espacialidades ambientais, as aventuras e desventuras Marcovaldo serve-nos para refletir sobre isso.

Algumas hipóteses podem ser formuladas até o então momento. Primeiro, porque aquilo que particulariza este personagem, diz-nos o autor logo no primeiro conto intitulado *Cogumelos na Cidade*, é sua forma de olhar para o mundo, e creio que a primeira coisa que define um dado campo de trabalho historiográfico é também uma dada forma de olhar, é uma dada visada, uma forma de problematizar específica.(HARTOG, 1999) Diz o primeiro capítulo:

Esse Marcovaldo tinha um olhar pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham o seu olhar que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelada num ramo, uma pena que deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso do cavalo, buraco de cupim em uma mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo nas mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência. (CALVINO, 1990, 07)

Em plena selva de asfalto e cimento da cidade industrial, o operário Marcovaldo procura e descobre a natureza. Olhar singular e diferenciado dos demais habitantes citadinos acostumados com os problemas urbanos e que compreendem os elementos da cidade e sua relação com a natureza como algo natural. Em seus contos, por exemplo, e na situação de primavera³ Marcovaldo percebe cogumelos nascendo no canteiro em frente à parada do ônibus que o leva todo dia para seu trabalho rotineiro e isso o deixa maravilhado. Detentor de um saber secreto e maravilhoso; num verão experimenta as delícias de dormir no campo, passando uma noite de férias num banco de praça; num outono, quase é atropelado ao seguir de bicicleta o trajeto de um bando de narcejas em migração e termina por apreender no visgo que derrama sobre o beiral do terraço, em que se estendiam as roupas dos moradores do prédio onde viviam um pombo municipal.

Numa primavera, descobre o poder terapêutico das vespas no tratamento de reumatismo; num verão se encanta com a passagem pela cidade de vários rebanhos de vacas, que vão pastar nas montanhas; num outono, ao sair do hospital rouba um coelho infectado com uma doença perigosa; em outro outono apiedado da planta que fica na

³ É assim que Calvino usa para marcação da temporalidade.

entrada da porta da fabrica, porque esta nunca leva chuva, leva-a a passear de bicicleta pela cidade, em busca das nuvens que a venha molhar; perseguindo um gato tigrado que lhe roubava a truta que pescara no aquário do restaurante, termina por encontrar o jardim onde se escondem todos os gatos, todos os pássaros e todas as rãs da cidade.

A partir do diálogo realizado com Durval Muniz sobre os espaços, se voltamos para a compreensão da natureza e perceberemos que esta não era tomada como elemento partícipe de toda e qualquer ação humana ao longo do tempo, como uma das dimensões de toda atividade de qualquer sujeito histórico. A natureza parecia anteceder e sobreviver intacta a todos os eventos históricos. O olhar do historiador estava treinado para perceber todos os signos da temporalidade, do passar do tempo, da mudança, da transformação, do desenvolvimento, do progresso, mas bem menos treinado para tratar estes fenômenos temporais como fenômenos que também atingem, constroem e modificam naturezas.

Já Luciana Murari (2009) em seu *Natureza e cultura no Brasil*, trabalha com a natureza ocupando um lugar central. A natureza é protagonista de uma reflexão que visa discutir como a formação da identidade nacional e as representações que foram feitas do Brasil no período em destaque eram indissociáveis da natureza, do meio e do território. Ela nos diz que o Brasil nunca foi tarefa fácil. Não por acaso a mitificação em torno das entradas e, maiormente, das bandeiras. Abrir mão do conforto do litoral e de seus galicismos para se arriscar território adentro rumo ao sertão era empreitada para poucos. De todo modo, pode-se interpretar esse movimento como sendo o encontro do brasileiro consigo mesmo; penetrar a natureza pátria e descobrir seus mistérios era entrar no âmago da identidade nacional, revelando ao mundo as singularidades, a essência da *terra brasilis*.

Na Europa, que encantava a todos, tudo estava pronto e acabado. No Brasil, que assustava a todos, tudo estava por fazer. No entanto, se num primeiro momento essa comparação podia ser negativa, logo em seguida emergia seu lado positivo. Ainda que não tivéssemos história, as potencialidades das paisagens, do meio e do território deslindavam o futuro diante daqueles intelectuais que se entregavam a pensar a jovem nação. Nas palavras de Murari:

A representação da natureza brasileira em suas relações com a sociedade e a percepção da problemática do território na formação nacional foram alguns dos temas centrais de um amplo processo de revisão da história brasileira, de reflexão sobre a formação colonial do país, de sua condição no contexto das nações e de um futuro que, esperava-se, acompanharia os progressos da técnica, a inovação contínua, o aumento da produtividade, a ascensão do conhecimento e o estabelecimento de uma sólida institucionalidade política liberal similar à dos modernos países capitalistas. (MURARI, 2009, 63)

A narrativa histórica, quase sempre centrada nas atividades humanas e nas suas dimensões temporais, tendem a não ter a atenção devida para as diversas manifestações históricas que constituem dimensões espaciais distintas nas sociedades humanas, como:

paisagens, territórios, domínios, lugares, horizontes e outros termos da geografia. Mesmo em espaços mais tradicionais no trabalho dos historiadores, como nação, a região ou o campo e a cidade, quase sempre eram tomados como ponto de partida da narrativa histórica, como uma realidade prévia a história que ia ali se desenrolar, quando não recortes que serviam para legitimar o próprio trabalho historiográfico que se fazia. Fazia-se a história do que acontecia na cidade ou no campo, mas nunca destas próprias espacialidades, menos ainda destes espaços como o ambiente.

Mas há um segundo aspecto que nos interessa diretamente nas histórias de Marcovaldo, que remete para o tema que nos ocupamos aqui, ou seja, as aventuras de Marcovaldo este cidadão que sonha encontrar-se com a velha Natureza, aquela natureza que só existe nas fantasias dos cidadãos, nas fantasias românticas do paraíso perdido, mas que só se depara com a imitação, o simulacro, o artifício e o engano são marcadas por um olhar atento a cada detalhe do espaço que cerca a personagem.

As histórias estão bem estruturadas em torno do embate entre o processo civilizatório e sociedade urbana e industrial da qual a cidade e a natureza são o grande símbolo. São narrativas da construção de outra natureza através das intervenções tecnológicas e mecânicas, das intervenções econômicas e políticas que os homens realizam ao longo da história. Nas situações vividas por Marcovaldo todo o idílio com a natureza é frustrado porque a própria natureza não oferece o refúgio sonhado pelo operário que busca como fuga para suas jaulas cotidianas, como a fábrica, seu trabalho, sua vida doméstica, a marmitta fria que traz os restos do jantar que tem que engolir todos os dias. A ida à montanha fora da cidade em busca de ar puro resulta do encontro com um grupo de tuberculosos, vítimas da poluição fabril, resulta que montanha e aquele próprio ar que ele sonhara puro tinham dono, era propriedade privada do sanatório municipal.

A fuga do filho de Marcovaldo, Michelino, seguindo o rebanho de vacas até as montanhas, faz Marcovaldo o imaginar lá em cima preguiçoso e feliz, entre o leite e o mel e as amoras nas sebes. Mas quando este volta, diz não ter tido nem tempo de ver a montanha, pois fora submetido a uma intensa jornada de trabalho, trabalho mal remunerado e sem contrato, dias correndo atrás de leite, da palha dos animais e do estrume, enchendo, esvaziando e rolando latões até os caminhos que os transportavam para a cidade.

No mundo da mercadoria e do trabalho intensivo, não há tempo para uma relação de contemplação ou de fruição com a natureza: é um mundo sem paisagem ou de paisagens úteis e artificiais. A natureza e a cidade, nesses tempos de mercadoria, não são apenas aí uma realidade, um referente que é reapresentado, copiado na linguagem, mas é apresentado de uma maneira particular, é construído, elaborado a partir de um dado ponto de vista: cidade e natureza aparecem aí, reconfigurados, resignificados, repensados, recriados.

Esta é a relação entre as quatro estações e os cinco sentidos de Marcovaldo. As quatro estações do ano, que marcariam os ritmos e significariam a temporalidade circular própria da natureza, aparecem humanizadas pela apropriação que os homens, que a cidade, que Marcovaldo e sua família fazem delas, pelos sentidos novos que estes lhes atribuem. Os homens tornam as estações do ano singulares, irrepetíveis, históricas, distintas uma das outras. Por exemplo, para os homens, cada primavera é única, pois os eventos que aí acontecem, a tornam diferente e particular. O frio deve vir sempre no inverno, mas este será vivido, percebido e significado diferentemente pelos homens, dependendo, inclusive, da condição social de cada um. Em sua mansarda fria Marcovaldo não vivia o inverno do mesmo jeito que seu patrão em sua mansão com lareira.

Podemos inferir que o frio como o calor, como o vento, como o pólen, como as folhas douradas do outono, serão apreendidas pelos homens a partir de seus cinco sentidos. A apreensão da natureza se faz daquilo que parece, à primeira vista, ser também um dado da natureza em nós, nossos sentidos. Mas nossos sentidos são educados, socializados, disciplinados por nossa condição de seres sociais e culturais. Vamos encontrar nesta cidade de Marcovaldo, paisagens construídas pela audição, pelo olfato, pelo tato.

A natureza sempre foi, e continua sendo, um dos principais temas abordados pela literatura. Sua história passada contém elos perdidos das culturas não oficiais. Sua presença desvela um universo singular de representações. Com a problematização da natureza, muito claramente, o pensar acerca da mesma se desgarrá das formas que a produziram e assume feições sobrenaturais. Seu universo torna-se, assim, remoto, cujo duplo sentido dá conta das rupturas operadas simultaneamente nas relações com o tempo e a cidade, podendo-se aí configurar tanto como localidade idílica quanto época inesgotável. Sua memória não tem começo nem fim.

A definição de natureza, que pode ser encontrada na História, representa o espaço no qual culmina a força e a cultura de uma comunidade. Nesse *lócus* nasceu, de diversos pontos espalhados por ela, os raios transformadores que dão significado ao que se denomina natural. A natureza, como explica Shamas, é um produto do tempo, representa uma arte capaz de manter a “eternidade” e onde o tempo se torna mais visível. Os monumentos, as paisagens estão aí para testemunhar os acontecimentos, sendo muitas vezes, mais esclarecidos que os próprios documentos. Cada paisagem tem sua própria forma e serve não apenas para oferecer comodidade aos habitantes. Ela tem um contorno singular que age sobre a mente humana. “Antes de poder ser um repouso para os sentidos, paisagem é obra da mente. Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas.”(SHAMAS,1996, 16)

É, portanto, impossível definir uma paisagem e dela extrair um conceito. Cada uma tem a sua própria especificidade. Apenas cabe dizer que as paisagens representam, quase

sempre, tipos mistos e que, portanto, não podem ser classificadas em cada caso senão tendo-se em conta seus componentes predominantes.

Fazendo uma analogia e um referência a outra obra de Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*. Os personagens Kublai Kan e Marco Polo tornam essa problemática evidente. Relembrando a fala entre Kublai Kan, imperador dos tártaros e Marco Polo, que descreve para ele as cidades por onde passou em suas visitas diplomáticas, tem-se o seguinte, a começar por Marco Polo:

“ – De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.
- Ou as perguntas que nos colocamos para obrigar a responder, como Tebas na boca de Esfinge”.(CALVINO, 1990, 44)

Deste modo, segundo Simon Shamas problematizando como se representava a natureza ao longo da história e qual seria sua relação com a cultura. Ele nos mostra que toda a história da paisagem do Ocidente de fato não passa de uma corrida insensata rumo a um universo movido a máquina, e que toda a nossa tradição paisagística é produto de uma cultura comum construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões. Revelando a antiguidade e a complexidade de uma tradição paisagística e mostrando a relação dinâmica entre cultura e natureza, Shamas efetiva uma escavação feita abaixo do nosso nível de visão convencional com a finalidade de recuperar os veios do mito e memória existentes sob a superfície.

O antropólogo afirma que nem todas as culturas abraçam a natureza e a paisagem com igual ardor da mesma maneira, e as que as abraçam conhecem fases de maior ou menor entusiasmo. O que os mitos da floresta antiga significam para a cultura europeia nacional pode se traduzir em algo totalmente diverso em outra cultura. Na Alemanha, por exemplo, a floresta primitiva era um lugar de auto-afirmação tribal contra o Império romano de pedras e leis. Na Inglaterra, o bosque verde era o local onde o rei ostentava seu poder nas caçadas reais e, contudo, corrigia as injustiças de seus oficiais.

Cada um de seus capítulos deve ser visto como uma escavação, começando pelo conhecido, pelas camadas de lembranças e representações até tocar a base da rocha, que se formou há séculos ou até milênios, e voltando à superfície, a luz do reconhecimento contemporâneo. Todas as nossas paisagens, do parque urbano às trilhas na montanha têm a marca de nossas persistentes e inelutáveis obsessões.

E é assim que Marcovaldo é descrito como um personagem de obsessões, descobrindo as mudanças paisagísticas, desejos íntimos e misérias existenciais. Poderíamos agora nos perguntar como é a natureza que aparece na cidade para Marcovaldo. E teríamos algumas reflexões já no início do livro quando nos diz:

O vento vindo de longe para a cidade, oferece a ela dons insólitos, dos quais se dão conta somente poucas almas sensíveis, como quem sofre de febre de feno e espirra por causa do pólen das flores de outras terras. (Calvino, 1990, 07).

O elemento vento nessa paisagem nos remete a idéia de algo que traz o desconhecido, e nos oferece maneiras diferentes de olhar e significar as coisas à nossa volta. É o que poderíamos chamar de descoberta. Uma natureza que é o outro da cidade que ora estão separados, ora estão imbricados e a partir destas imbricações Marcovaldo sente a natureza a sua volta.

Certa manhã, indo para o trabalho, esperando o bonde junto à parada, na nesga de terra estéril e cheia de crostas que acompanha a arborização da alameda: ao pé das árvores, pareciam que inchavam monturos que lá e cá se abriam e deixavam aflorar corpos subterrâneos arredondados. Ele observa melhor e descobre que eram cogumelos que estavam rompendo a terra bem no coração da cidade. Marcovaldo teve a impressão de que o mundo cinzento e miserável que o circundava se tornava de repente generoso em riquezas escondidas e que ainda se podia esperar alguma coisa da vida. Os cogumelos silenciosos, uma natureza silenciosa porém em seguida os cogumelos eram venenosos e que ofereciam um perigo para a cidade e seus habitantes.

No conto de inverno sobre o bosque na rodovia percebemos uma natureza densa que se encontra com a cidade. Poderíamos compreender essa região como uma zona de contato. O espaço de encontro no qual pessoas geográficas e a natureza histórica entra em contato a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada. Aqui pela visão de seus filhos quando Marcovaldo nos diz:

Nas margens da rodovia, os meninos viram o bosque: uma densa vegetação de árvores estranhas cobria a vista da planície. Tinham os troncos finos, retos ou oblíquos; e copas achatadas e amplas, com formas as mais estranhas e as mais estranhas cores, quando um carro passou e iluminou-as com os faróis. Ramos em forma de detritício, de rosto, de queijo, de mãos de navalha, de garrafa, de vaca, de pneu, constelados por folhagens de letras do alfabeto. (Calvino, 1990, 46).

Assim temos o encontro de olhares dos habitantes da cidade numa zona de contato nas relações natureza e cidade que é percebida como representação naturalista, mas que também é sentida a partir dos anseios e desejos de seus filhos.

Tomando uma paisagem do campo e da viagem do seu filho com um rebanho de vacas percebemos que a natureza de início é um lugar afortunado e a dimensão de vastidão e que esse lugar afortunado e a dimensão de vastidão e que esse lugar ofereceria em tranqüilidade que ele não encontra na cidade, na fábrica e muito menos em casa, quando ele nos diz:

No calorão poeirento da cidade, Marcovaldo pensava no filho afortunado, que agora certamente passava as horas à sombra de um aberto, assobiando com uma folha de capim na boca, observando as vacas que se moviam lerdas pelo prado, e escutando na sombra do vale um murmúrio de água. (Calvino, 1990, 58)

Essa paixão consistia em passear por naturezas diferentes das quais ele estava acostumado assim era que caracterizava seu gosto por filmes. Suas paixões eram os filmes que permite abranger os mais vastos horizontes: pradarias, montanhas rochosas, florestas equatoriais, ilhas onde se vive coroados de flores. Numa das noites em que vai assistir ao filme fica encantado com as florestas da Índia com seus bosques pantanosos onde se erguiam nuvens de vapor e as serpentes que subiam pelas lianas e se dependuravam nas estátuas de antigos templos engolidos pela selva podemos perceber nessa narrativa a Índia como o lugar do exótico, do selvagem e de um outro que é representado a partir da visão do europeu.

No que se refere a relação natureza e cultura, tentou-se aqui ao longo da narrativa problematizar às representações que constituem os contos, identificando a partir de leituras distintas, sugerindo formas de leitura e enfoques para a análise da relação natureza e cultura. Lembramos que esta é apenas uma interpretação sobre a natureza, a paisagem e o homem. Esperamos que essa chave de leitura proponha sugestão para pessoas que investigam materiais similares de outros tempos, lugares, espaços e obra literárias.

O estudo de Marcovaldo ou as Estações na Cidade nos serviu comumente pra tentar unificar um *corpus* de conhecimentos diferentes num saber partilhado e problematizador. Um dos objetivos ao longo da pesquisa, contudo, não foi o de definir ou codificar a cultura e a natureza, mas usar o estudo de uma obra literária tanto para desagradar quanto para integrar o que se poderia nomear relações entre o homem, a cultura e a natureza.

Referências

- CALVINO, Ítalo. Marcovaldo ou As Estações na Cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Imperio: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: EDUSP, 1999.
- VIDAL, Laurent. Alain Corbin: o prazer do historiador. Revista Brasileira de Historia. São Paulo, v. 25, nº 49, p. 11-45. 2005
- DEAN, Warren. A ferro e fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 - 1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MURARI, Luciana. Natureza e Cultura no Brasil (1870 - 1922). São Paulo: Alameda, 2009.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

AGUIR, José Otavio. *Memórias de Guido Thomaz Marlière (1808- 1836) – A transferência da Coroa Portuguesa e a tortuosa trajetória de um Revolucionário Frances no Brasil*. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995